



“RÁÐNA STAFI, MJÖK STÓRA STAFI, MJÖK STINNA STAFI”:¹
**TRADUÇÃO COMENTADA DOS POEMAS RÚNICOS ANGLO-SAXÃO,
ISLANDÊS, NORUEGUÊS E DO ABECEDARIUM NORDMANNICUM** ².

“RÁÐNA STAFI, MJÖK STÓRA STAFI, MJÖK STINNA STAFI”:
**ANNOTATED TRANSLATION OF THE ANGLO-SAXON, ICELANDIC AND
NORWEGIAN RUNE POEM AND THE ABECEDARIUM NORDMANNICUM.**

Elton O. S. Medeiros³

Resumo: O estudo das runas sempre despertou a atenção do meio acadêmico e grande interesse pelo público em geral. Na atualidade podemos vê-las representadas em diversas formas de mídia e servindo a propósitos diversos. Neste artigo pretendemos abordar alguns pontos principais sobre o tema, como uma breve introdução sobre o assunto e, o mais importante, apresentar os textos conhecidos como *Os Poemas Rúnicos* (Anglo-Saxão, Islandês e Norueguês), assim como o *Abecedarium Nordmannicum*. Todos eles traduzidos na íntegra pela primeira vez em conjunto para a língua portuguesa.

Palavras-chave: Runas, Runologia, Anglo-Saxões, Escandinávia Medieval.

Abstract: The study of runes always attracted the attention of the academy and a great interest by the general public. Nowadays we can see them represented in different ways of media and serving for many different purposes. In this article we intend to deal with some of the main points on this subject, as a short introduction on this matter and, the most important, present the texts known as *The Rune Poems* (the Anglo-Saxon, Icelandic and Norwegian) and the *Abecedarium Nordmannicum*. All of them full translated for the first time together in Portuguese.

Keywords: Runes, Runology, Anglo-Saxons, Medieval Scandinavia.

¹ “... letras auxiliaadoras, letras muito poderosas, letras muito fortes...”, *Hávamál*, estrofe 142 (cf. MEDEIROS, 2013a: 592).

² As traduções aqui apresentadas surgiram como um desdobramento do projeto temático “Assim Falou Salomão: Magia, Cristianismo, Poder e Autoridade na Inglaterra Anglo-Saxônica”, fruto de pesquisas voltadas às práticas mágicas populares na Inglaterra alto medieval e seus paralelos na Escandinávia do mesmo período e posterior.

³ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo – USP, professor de História Medieval da Faculdade Sumaré (SP); membro do *BRATHAIR – Estudos Celtas e Germânicos*. Email: eosmedeiros@hotmail.com

Introdução

Runas se encontram entre um dos assuntos mais fascinantes que podemos encontrar ao estudar o norte europeu medieval. E na atualidade, em nosso imaginário popular ocidental, estão presente em diversas formas de mídias, parte importante de novas manifestações religiosas contemporâneas, jogos, livros de ficção e até mesmo presente como símbolo da tecnologia “Bluetooth”⁴, por exemplo.

Talvez possamos dizer que na verdade as runas nunca estiveram muito longe de nós, como se pode pensar. E dessa forma, talvez fosse mais correto dizer que elas não teriam sido “(re)descobertas” por nossa contemporaneidade, mas “repensadas” ou “reimaginadas” para atender anseios mais atuais – sejam eles de fundo religioso, artístico ou mero entretenimento. Apesar de sua presença marcante na atualidade, suas origens ainda permanecem com um ar de mistério para o público em geral e gerando debates dentro do meio acadêmico.

Neste trabalho pretendemos trazer ao público leitor de língua portuguesa uma contribuição a tais debates e mesmo uma brevíssima introdução para aqueles que estejam tomando contato pela primeira vez com o assunto. Justamente para despertar o interesse pelo assunto. E o mais importante, trazemos aqui, pela primeira vez, reunidos e traduzidos diretamente a partir de seus originais ao português, os três textos de origem medieval conhecidos como “os poemas rúnicos”. Sendo eles, respectivamente, o *Poema Rúnico Anglo-Saxão*, o *Poema Rúnico Islandês* e o *Poema Rúnico Norueguês*. Além do curto texto conhecido como *Abeceдарium Nordmannicum*.

De forma alguma conseguiríamos cobrir todas as informações disponíveis sobre o assunto, mas tentaremos abordar alguns pontos principais quanto as runas, as origens da tradição de estudos e por fim algumas observações sobre seu uso pela contemporaneidade. Como dissemos, servindo de uma porta de entrada ao tema acompanhada de fontes históricas literárias traduzidas e voltadas tanto para o pesquisador já razoavelmente familiarizado com o tema quanto para aquele que esteja iniciando na área.

⁴ A tecnologia “Bluetooth” foi assim chamada por seus criadores em homenagem ao rei Harald Dente-Azul (i.e. “Bluetooth”) da Dinamarca por volta de 958 – 986; que por sua vez era o avô de Cnut o Grande que veio a ser rei da Inglaterra, Dinamarca, Noruega e de parte da Suécia no início do século XI. O logotipo da tecnologia Bluetooth é a combinação das runas *Hagall* (“H”) e *Bjarkan* (“B”) do alfabeto *Jovem Futhark*, como o utilizado no poema rúnico islandês e norueguês apresentados aqui neste trabalho. Como o nome indica, o *Antigo Futhark* precede cronologicamente o *Jovem Futhark*, possuindo um total de vinte e quatro runas. Já o *Jovem Futhark*, poderíamos dizer, seria uma simplificação do *Antigo Futhark*, possuindo cerca de dezesseis runas (e diversas variantes ao longo do tempo e espaço geográfico escandinavo). Para maiores informações ver BARNES, 2012.

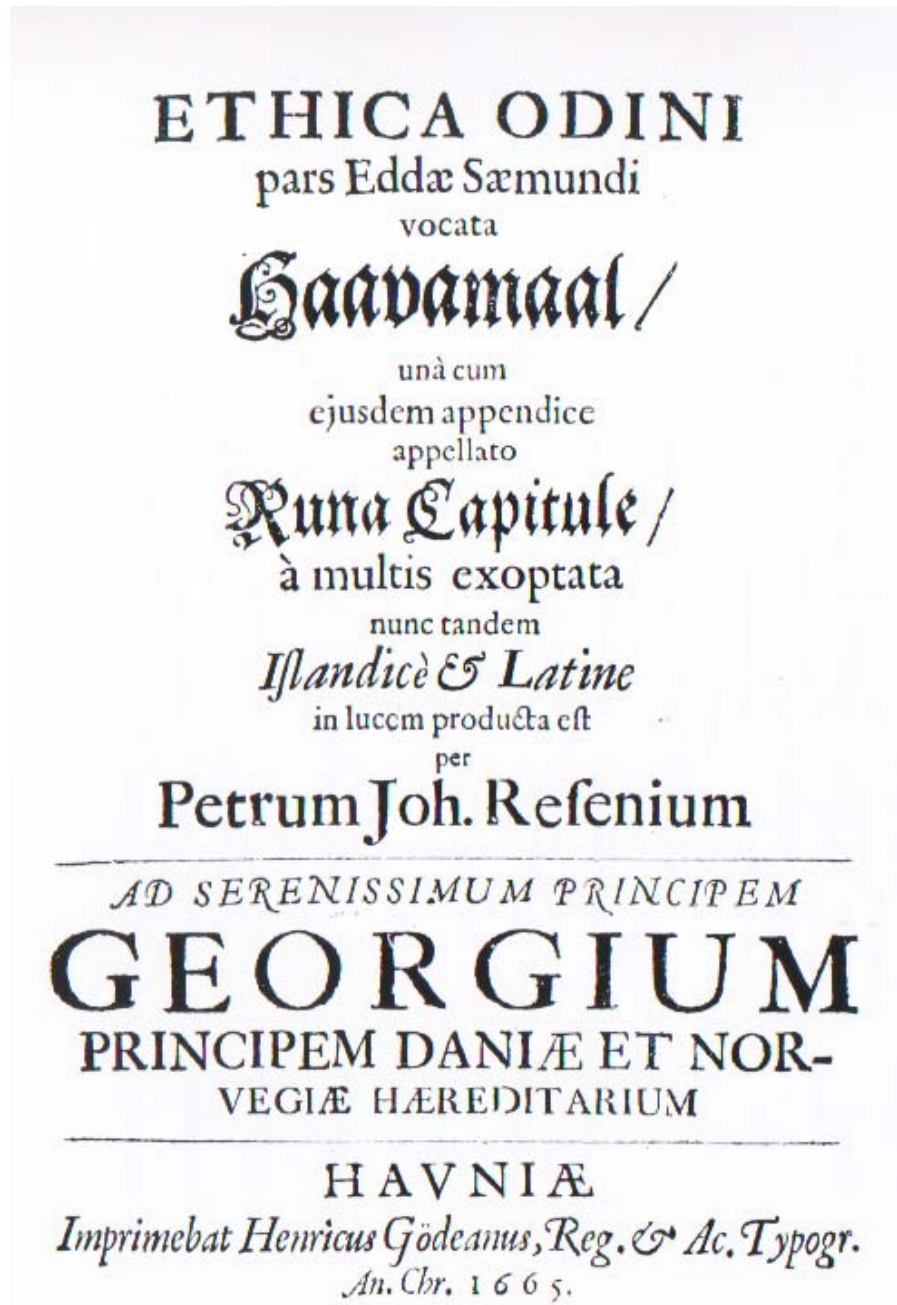


Imagem 1: Uma das primeiras edições do *Hávamál* (“Ethica Odini”), da *Edda Poética*, acompanhada de um apêndice a respeito das runas; por Peder Hansen Resen, *Ethica Odini pars Eddæ Sæmundi vocata Haavamaal, unà cum ejusdem appendice appellato Runa Capitule*, 1665 in: Enoksen, 2011: 68.

Origens

Se buscarmos pela palavra “runa” em seus originais em nórdico antigo (*rún*) e em inglês antigo (*run*, *rune*), encontraremos seu significado atrelado à ideia de “mistério”, “segredo” ou “conhecimento secreto”, “algo que não deve ser dito em voz alta”, mas

sussurrado; ou ainda simplesmente “letra”⁵. Em função disso, devido a essa multiplicidade de significados, muitas teorias floresceram a respeito da origem das runas. Especialmente sua possível relação com “mistérios” e práticas mágicas acabou gerando as hipóteses mais fantásticas e fantasiosas para a origem e o uso das mesmas. Talvez a razão disso possa ser encontrada no século IV, quando o missionário, bispo Wulfila, traduziu a Bíblia do grego para o gótico. Onde ele acabou traduzindo a palavra *mysterion* como *runa* (SPURKLAND, 2005: 3). O uso de runas em ritos e práticas mágicas na Europa setentrional durante o período medieval e moderno – e até mesmo contemporâneo, em regiões como a Islândia – é indubitável (MACLEOD & MEES, 2006). Entretanto, alegar que suas origens sejam (claramente ou exclusivamente) em função de tais práticas é algo minimamente temerário. Fato que desde os anos da década de 60 do século XX já foi demonstrado como uma teoria que por si só se apresenta como algo inconsistente. Em outras palavras, runas e práticas religiosas/mágicas possuem pontos de contatos em diversos exemplos (como nas sagas escandinavas e na mitologia), mas não são elementos indissociáveis; muito pelo contrário (PAGE, 1995: 105 – 125). Sendo em muitos casos a alegação de tal associação uma má interpretação das fontes, especialmente a partir da literatura, onde construções literárias (mesmo metafóricas) são compreendidas e traduzidas de forma literal⁶. Por exemplo, na poesia em inglês antigo, expressões como *halige rune* (*Elena* vv. 333, 1168; *Juliana* vv. 656), não raro os casos, foram interpretadas como “runas sagradas”, quando na verdade seu significado real seria “mistérios sagrados”, dentro do contexto da hermenêutica cristã. Exatamente o mesmo ocorre no poema *Heliand*, em saxão antigo:

Manega uuâron, | the sia iro môd gespôn,
 | that sia bigunnun uuord godes,
 reckean that **girûni**, | that thie rîceo Crist
 undar mancunnea | mâriða gifrumida
 mid uuordun endi mid uuercun.

[Havia muitos cujos corações lhes disseram que eles deveriam começar a contar aquele **mistério**⁷, a palavra de Deus, os famosos feitos que o poderoso Cristo realizou em palavras e atos entre a raça dos homens]

Heliand, vv. 01 – 05 (grifo nosso)⁸.

⁵ Para maiores informações ver BOSWORTH & TOLLER, 1898; CLEASBY & VIGFUSSON, 1874.

⁶ Refletindo, por vezes, uma predisposição teleológica (tendenciosa) do estudioso. Algo típico dos pesquisadores mais “românticos” do século XIX, por exemplo.

⁷ *giruni* (runas).

⁸ A não ser quando indicado de outra forma, todas as traduções feitas a partir de idiomas arcaicos (i.e. inglês antigo, saxão antigo, nórdico antigo e etc.) são de nossa autoria.

Aqui *giruni* estaria vinculada, como nos exemplos em inglês antigo, aos mistérios do poder de Cristo, e não exatamente a “runas secretas”, como uma tradução mais literal poderia sugerir ⁹. Ainda em inglês antigo, outro exemplo de como a terminologia – ou o desconhecimento da mesma – pode ser traiçoeira se descontextualizada encontra-se no uso de “runa” no sentido de “conselho”, “auxílio”. Por exemplo, temos no poema *Beowulf*, versos 171 – 172: *Monig oft gesæt rice to rune; ræd eahtedon (...)* [“Por diversas vezes muitos se sentaram, poderosos em **conselho**, considerando os planos (...)] (grifo nosso).

Entretanto, tudo isso ainda não esclarece sobre a origem das runas. Especificamente, perguntas como “quando?”, “onde?”, “por quem?” e “com qual propósito?”. Essas quatro perguntas estão tão conectadas umas às outras que seria um erro tentar respondê-las de forma individual. Sendo muito mais sensato buscar por indícios e argumentações que forneçam elementos que satisfação todas ao mesmo tempo, como se fossem uma única e grande pergunta.

Para, então, tentarmos responder a esses questionamentos é melhor buscarmos por aquilo que já nos é conhecido sobre o assunto. Entre os estudiosos e especialistas do campo da runologia, existiriam ao menos quatro pontos de concordância: a) evidências da existência de runas podem ser encontradas desde o século II d.C., muitas datadas de por volta de 150 – 200 d.C. Contudo, é possível encontrarmos indícios na cultura material anteriores a isso.

⁹ G. Ronald Murphy, entre outros, traduziu para o inglês moderno a palavra *giruni* como “*secret runes*” (i.e. “runas secretas”), com a justificativa de que o termo sugeriria uma ligação com práticas mágicas, encantamentos e escritos mágicos que se utilizavam de runas e sua relação com a oração do Pai Nosso, introduzida mais à frente na mesma obra (MURPHY, 1992: 3). Como já dissemos ainda a pouco, tal relação entre runas e escritos e fórmulas mágicas existe e há todo um campo de estudo a respeito. Assim como sua relação e seu “sincretismo” com elementos da cristandade como o Pai Nosso (cf. MEDEIROS, 2013b; MEDEIROS, 2015b). Contudo, no caso de Murphy, esta visão é baseada numa abordagem de uma suposta “germanização do cristianismo”. Ideia que pode ser considerada agora, em meados da primeira metade do século XXI, datada e ultrapassada. Mas que ainda assim foi brevemente resgatada no início dos anos 2000 por Murphy e outros, para ser novamente rechaçada por pesquisadores como Dennis H. Green (cf. GREEN, 2003). E antes disso, R. I. Page falava das inconsistências desse tipo de argumentação e sua relação com o uso mágico e religioso das runas no norte europeu. Page alega que fora da Escandinávia – mesmo na Inglaterra – as evidências de runas sendo usadas em ritos e encantamentos são extremamente circunstanciais e examinadas muitas vezes de forma inadequada. Tomando como referência fontes escandinavas e ignorando as particularidades inerentes à região nórdica e seu contexto histórico e cultural para analisar indícios no restante do Continente e nas Ilhas Britânicas, como se houvesse um tipo de modelo pré-estabelecido “pan-norte-europeu” na utilização das runas. Como Page alega, é possível que a magia rúnica de fato tenha sido um fenômeno germânico, mas que sobreviveu apenas (de forma mais evidente) na região nórdica; ou ainda, que tenha se desenvolvido apenas no norte após uma maior definição das diferentes “tradições” rúnicas em relação às demais do continente europeu (cf. PAGE, 1995: 106). Para termos uma ideia mais clara, enquanto tanto em fontes escandinavas quanto anglo-saxônicas pode-se facilmente encontrar sinais de práticas mágicas como o *galdr* (nórdico antigo) e *galdor* (inglês antigo) que funcionam de forma praticamente idêntica (MEDEIROS, 2013b: 250 – 251), o mesmo não ocorre com o uso de runas para os mesmos propósitos. Sendo, na Inglaterra, seu uso – apesar de em alguns casos se assemelharem muito com práticas mágicas – muito mais atrelado à cultura literária anglo-saxônica (seja em manuscritos ou inscrições) do que como parte de ritos e fórmulas encantatórias. Para uma visão mais abrangente do cenário escandinavo de práticas mágicas (incluindo as runas) ver RAUDVERE, 2002: 73 – 171; MITCHELL, 2011.

Estabelecendo, dessa forma, um período de florescimento das runas entre os séculos I e II da era cristã¹⁰; b) a região com o maior número de evidências de atividades rúnicas conhecidas e registradas é a área que atualmente abrange aproximadamente as regiões da Dinamarca, sul da Noruega e sul da Suécia. Ainda que um número menor de indícios – mas tão antigos quanto os exemplares escandinavos – possa ser encontrado no norte da Alemanha e leste europeu¹¹. Em geral todos correspondem a artefatos portáteis, o que talvez indique que foram confeccionados longe de seus locais de origem; c) por mais que isso possa surpreender a muitos, especialmente o público leigo, runas fazem parte também da tradição escrita e de inscrições de povos mediterrânicos (fenícios, gregos, etruscos, romanos e celtiberos), sendo muitos de seus caracteres são semelhantes ou até mesmo idênticos entre os alfabetos desses diferentes povos; d) é muito provável que as runas teriam se desenvolvido como fruto de contatos ao longo das fronteiras do Império Romano, como uma mescla de variações do alfabeto latino com formas locais de escrita existentes ou que começavam a se desenvolver (BARNES, 2012: 9 – 10).

Ainda que esses quatro pontos levantados não sejam suficientes para compreendermos de forma mais aprofundada o surgimento das runas, eles nos auxiliam a pensar de forma mais clara na gênese dessa(s) forma(s) de escrita. Por exemplo, as similaridades entre as runas do norte-europeu e do mediterrâneo certamente não são meras coincidências. Na completa falta de evidências de uma possível influência das runas do norte europeu nos alfabetos mediterrâneos, é uma consideração plausível a se fazer de que tais alfabetos no mundo germânico sejam na verdade (em maior ou menor grau) derivações das formas de escrita da Europa meridional. E que o contato prolongado com o mundo romano poderia ter levado os habitantes do norte não apenas a aprender o idioma latino (ou alguma de suas variantes), mas talvez o contato com o uso da escrita latina influenciado à imitação e adaptação e posteriormente a elaboração de um sistema de escrita próprio.

Desde o século XIX muitos estudiosos já consideravam o alfabeto latino como a fonte primordial para a gênese das runas no norte da Europa. Algo plausível se lembrarmos da extensão do Império Romano entre os séculos I e II d.C. e as regiões com uma presença mais marcante de um alfabeto rúnico. Evidências arqueológicas corroboram com isso ao demonstrar um intenso contato entre parte do mundo germânico e os territórios romanos. O que daria oportunidade para que tais populações entrassem em contato com uma sociedade

¹⁰ Como, por exemplo, artefatos do norte da atual Alemanha que possuem indícios do que poderiam ser elementos rúnicos ou mesmo romanos (BARNES, 2012: 9).

¹¹ Como por exemplo em regiões como Pietroassa na Romênia, Dahmsdorf na Alemanha, e ainda Kowel na Ucrânia (SPURKLAND, 2005: 3).

letrada e assim se deixar influenciar por ela. Ao mesmo tempo, as terras mais ao norte da Germania estavam distantes suficientemente das fronteiras de Roma para serem influenciadas por seu alfabeto, mas não copiá-lo exatamente *ipsis litteris*; o que poderia explicar o porque das formas do *futhark* e *futhorc* ser relativamente diferentes do alfabeto latino, mas mantendo certas similaridades.

Apesar de a proximidade geográfica explicar a oportunidade de contato e “intercâmbio” entre diferentes culturas, isso não explica a motivação para tal feito. Considerando que houvesse germânicos com certo conhecimento do idioma e da escrita latina, capazes de compreender a importância de uma cultura escrita, mesmo assim não é clara a razão que os levaria a desenvolver um sistema de escrita para si. Principalmente se pensarmos que, diferente dos romanos, os primeiros indícios de escrita rúnica encontrados contém geralmente apenas palavras ou nomes. Dentre muitas hipóteses, uma explicação seria de que o uso ou o “aprendizado” de uma forma de escrita servisse como uma forma de construção identitária, na tentativa de se posicionarem como independentes do mundo que existia dentro das fronteiras de Roma. Ou ainda, servisse inicialmente a uma aristocracia ou elite dominante como uma forma ou símbolo de diferenciá-la de estratos mais baixos ou populares dessa sociedade germânica. Um exemplo prático disso, já de um período mais tardio ao surgimento das runas, são as pedras comemorativas com inscrições já escritas usando o *antigo futhark*. Obviamente o alfabeto rúnico, nesse caso o *antigo futhark*, não surgiu em função dessas pedras comemorativas, mas o uso de uma forma escrita em tais pedras (celebrando eventos importantes ou em memória a alguém de prestígio) revela o desejo de realçar a importância de algo ou alguém em relação ao mundo cotidiano e às pessoas “comuns”¹².

¹² Para maiores informações quanto às origens, a forma e a fonologia da runas, assim como as primeiras inscrições em *antigo futhark*, ver BARNES, 2012: 9 – 15; SPURKLAND, 2005: 3 – 53.

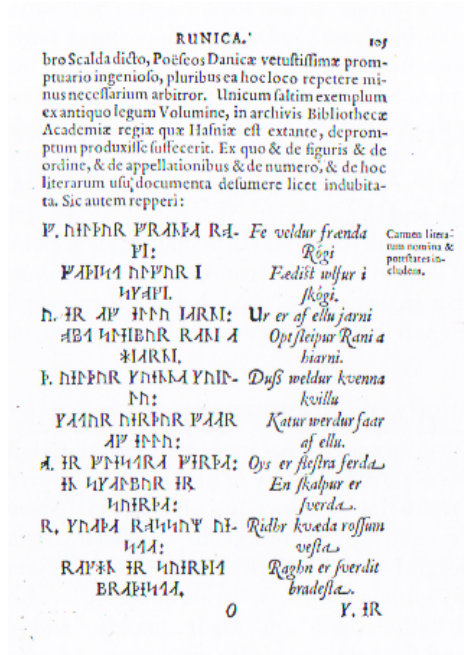


Imagem 2: "Provérbios rúnicos"; Ole Worm, *runeR seu Danica Literatura antiquissima*, 1636 in: Enoksen, 2011: 32.

Breve história dos primórdios dos estudos

A “runologia”, termo utilizado para o campo de estudos das runas e da escrita rúnica (sendo seus adeptos chamados, por conseguinte, como “runólogos”), pode ser considerado um “termo guarda-chuva”, cobrindo uma grande quantidade de práticas, técnicas e equívocos. A runologia, até o momento em questão, não é considerada uma ciência, como seu nome pode levar a crer em função de seu sufixo (*-logos*). Sendo assim, não é nada espantoso que muitos runólogos sejam autodidatas; pesquisadores de áreas das mais diversas que em algum momento de suas carreiras desenvolveram um interesse especial pelo estudo das runas. Lidando com este objeto de estudo de diferentes formas, refletindo sua bagagem acadêmica e formação intelectual (e interesses) em particular (BARNES, 2012: 7). Linguistas tendem a dar maior atenção à fonética, formação de palavras, à estrutura de sentenças e as runas como um sistema de escrita. Arqueólogos estão mais concentrados na busca por relatos que as runas podem nos trazer, seu contexto, período e etc. Historiadores tendem a ver as runas como fontes primárias e a tentativa de distinção entre inscrições em pedras, madeira, ossos e escritos em papel, numa tentativa de compreender e identificar quais seriam mais historicamente “precisas” ou não. Sem contarmos também com os interessados “amadores”, os diletantes, místicos e correlatos e suas interpretações subjetivas sobre o assunto.

A tradição de estudos e estudiosos dentro do campo da runologia remonta, podemos dizer, ao menos até o século XVI – XVII. Dentre outros, um dos primeiros que podemos citar

é o nome de Johannes Bureus (1568 – 1652) na Suécia. Bureus teria sido um dos primeiros a realizar publicações dedicadas exclusivamente ao estudo das runas, causando impacto em sua época com sua obra *runakänslanäs läräsplan* (“pretensões educacionais sobre as runas”, numa tradução livre), de 1599.

Outro nome a ser mencionado entre os pioneiros dos estudos sobre as runas é o do islandês Angrímur Jónsson (1568 – 1648). Contemporâneo de Bureus, Jónsson publicou em 1609 seu *Crymogaea*. Diferente da obra de Bureus, em sua publicação as runas não vinham acompanhadas de provérbios explicativos – para um entendimento mais fácil das letras – mas eram apresentadas em sequência, seguindo a ordem do alfabeto latino.

Na Dinamarca, Ole Worm (1588 – 1654) teria então coletado as informações levantadas por Bureus e teria mantido contato com estudiosos islandeses, usando-os como sua principal fonte para os estudos das runas. Dentre outras de suas publicações destaca-se *runer seu Danica Literatura antiqvissima*, de 1636. Sendo este, em comparação a seus antecessores, um trabalho muito mais abrangente.

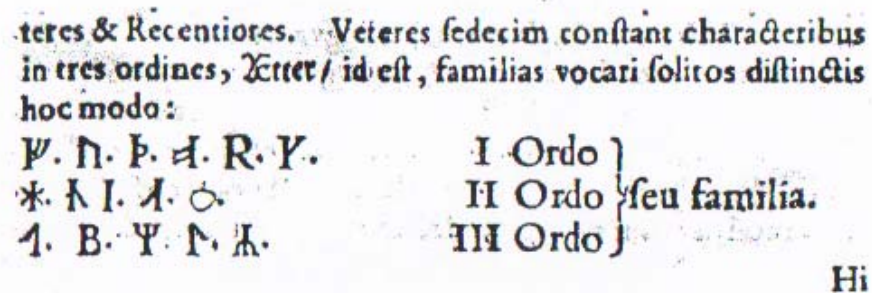


Imagem 3: Runas divididas em três Ættir; Runólfur Jónsson, *Lingvæ Septentrionalis elementa*, 1651 in: Enoksen, 2011: 34.

Em 1651, no mesmo ano que a segunda edição do livro de Ole Worm foi lançada, o islandês Runólfur Jónsson (c. 1620 – 1654) publicava o seu *Lingvæ Septentrionalis elementa*, com apenas vinte e cinco páginas. Apesar de pequeno, o livro trazia inovações. Por exemplo, foi Runólfur Jónsson quem teria, pela primeira vez, sugerido que as runas poderiam ser agrupadas em Ætter (“famílias”). Em seu livro, ele diz que as letras (i.e. as runas) poderiam ser organizadas em em três grupos, e apresenta dezesseis runas: **f, u, þ, o, r, k** (I Ordo); **h, n, i, a, s** (II Ordo); **t, b, m, l, y/R** (III Ordo). Esta também seria a primeira vez que as dezesseis runas *futhark* teriam sido publicadas seguindo sua ordem “original”, com a letra “m” antes de “l” e não ao contrário, como em outras publicações da época até então. Em seu livro,

Runólfur Jónsson também incluiu descrições das runas em forma de estrofes com três versos – muito semelhantes ao poema rúnico norueguês e o islandês.

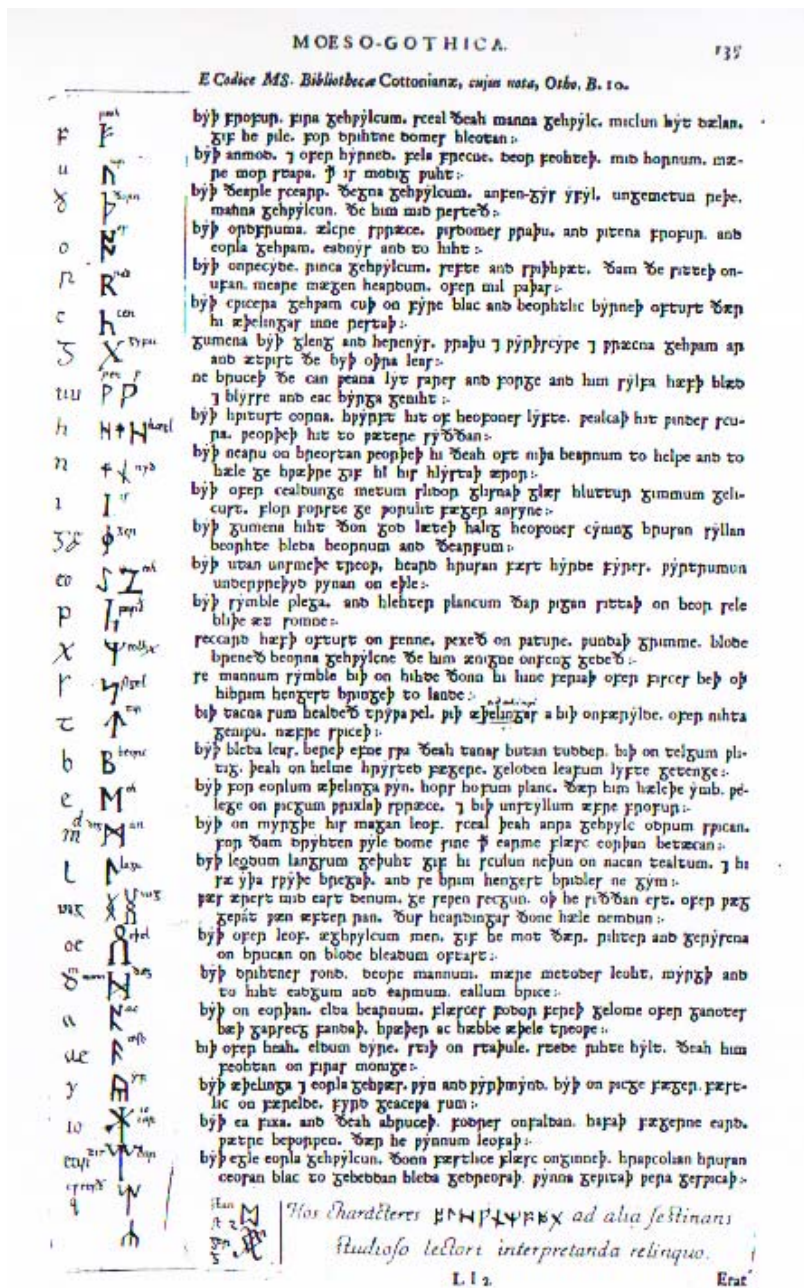


Imagem 4: O Poema Rúnico Anglo-Saxão; George Hickes, *Linguarum Vett. Septentrionalium Thesaurus Grammatico-Critici et Archæologici pars prima: seu Institutiones Grammatcæ Anglo-Saxonicae, & Moeso-Gothicæ*, 1703 – 1705 in: PAGE, 1995: 198.

Contudo, apesar da grande contribuição realizada pelos estudiosos escandinavos ao longo do século XVII, eis que surge uma grande revelação no início do século XVIII em

outra parte do Mar do Norte. Quando os pesquisadores da época acreditavam ter uma bela quantidade de informações e materiais referente às runas, o pesquisador britânico George Hickes (1642 – 1715) apresenta um documento que era praticamente inédito ao grande público. O mais longo poema rúnico descoberto até a atualidade: o *Poema Rúnico Anglo-Saxão*. Publicado originalmente no primeiro volume do *Linguarum Vett. Septentrionalium Thesaurus Grammatico-Critici et Archæologici pars prima: seu Institutiones Grammatcæ Anglo-Saxonicae, & Moeso-Gothicæ*, entre 1703 – 1705, o poema trazia vinte e nove runas – número muito maior do que encontrado nas fontes escandinavas – acompanhado de sua explicação na forma de versos, nem sempre de fácil elucidação. Com a publicação de Hickes e seu paralelo com as obras como as de Ole Worm e outros, os estudos sobre as runas ganharam maior impulso ao longo dos séculos XVIII e XIX. Contando com o auxílio, principalmente, de indícios oriundos da cultura material. Sendo assim, de forma bem sucinta, podemos dizer que essas seriam as bases ou ao menos uma parte importante, do que daria origem aos estudos no campo da runologia atual¹³.

Runas e o mundo contemporâneo

Como abordado no início desse artigo, apesar de suas origens na antiguidade e no medievo europeu, especialmente ao falarmos das regiões próximas ao Mar do Norte, a presença das runas ainda se faz presente em nossa atualidade. Muitas vezes quase despercebidamente, como o caso da tecnologia *Bluetooth*. É possível encontrar as runas desempenhando os mais diversos papéis e significados em nosso mundo atual; considerando como “mundo atual” não apenas o início do século XXI, mas também, ao menos, as influências oriundas da segunda metade do século XX.

No campo mais acadêmico, temos um novo despertar de interesse pelo tema. Por exemplo, uma maior atenção dada ao estudo de peças históricas como a famosa *Franks Casket*: pequena caixa feita de osso de baleia dos tempos anglo-saxônicos da Inglaterra do século VIII (possivelmente do reino da Northumbria) onde estão esculpidas cenas que mesclam lendas do passado germânico, com passagens bíblicas e a lenda da fundação de Roma. Tudo isso acompanhado de inscrições rúnicas, engenhosamente gravadas e posicionadas ao redor das imagens, ora como forma de “legenda” às imagens, ora como charada.

¹³ Para maiores informações ver ENOKSEN, 2011.

No campo das artes e entretenimento, temos as runas passando por releituras, apropriações e adaptações. Usadas em jogos (sejam eles eletrônicos, de computador, *Roleplaying Games*) e na literatura. O caso mais claro e latente se encontra em *O Hobbit* de J. R. R. Tolkien, com as runas do misterioso mapa dos anões em busca da montanha solitária onde se encontra o terrível dragão Smaug.

Ainda no campo artístico e já adentrando o lado moderno mais famoso do uso das runas (o misticismo) temos o antigo alfabeto *futhark* usado na música. O melhor exemplo é a banda norueguesa Wardruna, com seu projeto de três álbuns contendo cada um músicas dedicadas a cada uma das runas do *Antigo Futhark*, seguindo a divisão das três *Ættir* encontrada em Runólfur Jónsson¹⁴ e uma interpretação pessoal dos membros da banda a respeito do significado das mesmas. Sendo suas músicas, segundo os membros do grupo, um tipo de expressão ontológica das mesmas, com claras tendências espirituais pessoais.

E não podemos deixar de falar do uso das runas por membros de grupos esotéricos modernos, especialmente os adeptos da corrente “neopagã”, como os adeptos do Ásatrú. Ou melhor, grupos de inspiração Ásatrú. Que buscam uma reconstituição do que acreditam ser a antiga “religião” ou religiosidade dos povos nórdicos anteriores a cristianização. Tarefa que por si só da margem a longos e polêmicos debates conceituais e interpretativos, tanto no campo histórico e arqueológico quanto antropológico. No quis diz respeito às runas, o principal problema recai no fato de que a grande maioria das interpretações ou “reinterpretações” do significado de suas letras não se sustenta à luz de uma pesquisa acadêmica mais rigorosa. Costumeiramente são elaborações modernas, fruto muitas vezes ainda de resquícios do romantismo do século XIX e dos impulsos esotéricos característicos dos anos 40 – 70. Como o movimento Wicca¹⁵, iniciado na Inglaterra dos anos 40 por Gerald Gardner, que alega uma suposta reconstrução da religiosidade pagã que remontaria até o neolítico e (em algumas vertentes) elementos dos povos celtas; mas na verdade boa parte de suas práticas e ritos tem sua inspiração e/ou origem nas elaborações oitocentistas de grupos esotéricos como a *Golden Dawn* – que por sua vez remete aos ritos maçônicos do século XVIII – e as ideias do famoso ocultista inglês Aleister Crowley¹⁶. De forma similar, no caso das runas, houve uma reelaboração de seu uso e significados como parte de um suposto resgate histórico e como uma forma de legitimar as práticas e crenças neopagãs de seus

¹⁴ O projeto da banda Wardruna, chamado *Runaljöd*, até o momento conta com dois dos três álbuns idealizados: *Gap var Ginnunga* (2009) e *Yggdrasil* (2013).

¹⁵ “Wicca” diferentemente do que se pode pensar, é um substantivo masculino oriundo do Inglês Antigo e significa “mago”, “feiticeiros” e correlatos. Sendo sua forma feminina “wicce” ou “wiccena”; o que viria a dar origem à palavra em inglês moderno “witch”.

¹⁶ Para maiores informações ver DRURY, 2011: 175 – 203.

adeptos. Nesse contexto, um dos nomes mais conhecidos seria o do pesquisador Stephen Flowers que, sob o pseudônimo “Edred Thorsson”, escreveu diversos livros de cunho esotérico e pseudo-histórico; como *Futhark: A Handbook of Rune Magic* (1984) entre outros. Flowers/Thorsson, em função disso foi e é alvo de diversas críticas, tanto por parte do mundo acadêmico (acusando-o de falta de maior rigor científico em suas obras e subjetividades diversas) quanto do mundo religioso-esotérico (especialmente por parte de membros adeptos da própria Ásatrú europeia, acusando-o de inventar e forjar informações sobre as runas sob a influência dos diversos grupos místicos dos quais Flowers/Edred já fez parte, como a *Igreja de Satã* – criada nos E.U.A. dos anos 60 por Anton LaVey – e o *Templo de Set*, uma dissidência da *Igreja de Satã*). Portanto, é necessária muita cautela e um senso crítico apurado ao lidar com o assunto em nossa contemporaneidade¹⁷.

Os poemas rúnicos e a atual tradução.

Uma das evidências documentais escritas mais antigas contendo runas e suas denominações é justamente o *Abecedarium Nordmannicum*, datado de por volta do século IX, contendo nomes supostamente de origem nórdica. Por volta desta mesma época, o alfabeto rúnico escandinavo já teria diminuído de vinte e quatro caracteres para apenas dezesseis; i.e., já havia ocorrido ou estava ocorrendo a mudança do *Antigo Futhark* para o *Jovem Futhark*. Por sua vez, o manuscrito onde se encontra o *Poema Rúnico Anglo-Saxão* pode ser datado como sendo de finais do século X, mas as evidências mais antigas envolvendo o alfabeto *Futhorc* se encontram no Continente e datam de fins do século VIII e início do IX. Enquanto o *Poema Rúnico Norueguês* e o *Poema Rúnico Islandês* podem ser datados – não com muita precisão – como sendo respectivamente de finais do século XII e início do XIII e o último do século XV.

Para esta nossa tradução atual dos poemas, além da tradução em si, incluímos também as runas (do *Jovem Futhark*) que representam os nomes citados, como uma forma de ilustrar e facilitar a leitura e visualização do texto para o leitor. No caso dos *Poemas Rúnicos Norueguês* e *Islandês*, a identificação de cada runa e os versos correspondentes foi baseada nas descrições de Ole Worms, devido as diversas variantes do *Jovem Futhark*; que, dependendo do tipo, período e região da Escandinávia, pode apresentar diferenças (BARNES, 2012: 60).

¹⁷ Para maiores informações ver DRURY, 2011: 43 – 224; ASPREM & GRANHOLM, 2013: 25 – 48 e 72 – 90.

A respeito do *Poema Rúnico Anglo-Saxão*, a tradução mais célebre – não exatamente por sua precisão, mas por sua originalidade na época – é a de John Kemble, publicada em seu ensaio “On Anglo-Saxon Runes” em 1840 no periódico *Archaeologia*. Outra tradução digna de nota é de Bruce Dickins em seu livro *Runic and Heroic Poems of the Old Teutonic People* de 1915. Nesta obra de Dickins se encontra não apenas a tradução do *Poema Rúnico Anglo-Saxão* para o inglês moderno, mas também dos *Poema Rúnico Norueguês* e do *Islandês*. Apesar disso, é necessário cautela. Especificamente sobre o poema anglo-saxão, a tradução e as interpretações de Dickins estão – como já era de se esperar – ultrapassadas. Mas o ponto mais grave é que trechos da tradução em si estão “errados”. Existem inserções de palavras e de trechos na tradução de Dickins para o inglês moderno que não existem no original em inglês antigo. Sendo tais inserções não uma adaptação ou adequação para facilitar a leitura do público leigo, mas interpretações equivocadas do autor sobre o significado do texto (sendo que em sua maior parte, tais “adaptações” são apresentadas no texto sem maiores explicações nem explicitando a fonte da informação ali presente; o que nos leva a supor que sejam conjecturas do próprio Dickins). Portanto, apenas reforçando o que já mencionamos, é necessário cuidado ao se utilizar a edição de Bruce Dickins para o estudo de tais obras nos dias de hoje¹⁸.

A transcrição do original do *Poema Rúnico Anglo-Saxão* presente nesse artigo foi baseada nas edições de John Kemble (KEMBLE, 1991), Lars Magnar Enoksen (ENOKSEN, 2011) e Stephen Pollington (POLLINGTON, 1995). A transcrição do original do *Poema Rúnico Islandês* foi baseada em dois dos principais manuscritos existentes da obra, mas especialmente no manuscrito MS. 687 (o mais completo e maior) e, como referencial, nas transcrições de R. I. Page (PAGE, 1999) e Stephen Pollington (POLLINGTON, 1995). Por sua vez, a transcrição do original do *Poema Rúnico Norueguês* é baseada em Ole Worm e também nas edições de Lars Magnar Enoksen (ENOKSEN, 2011), Stephen Pollington (POLLINGTON, 1995) e Bruce Dickins (DICKINS, 1915). E a transcrição do original do *Abedecedarim Nordmannicum* baseada na transcrição de Bruce Dickins (DICKINS, 1915) e Stephen Pollington (POLLINGTON, 1995).

Assim como em outras traduções de fontes do medievo norte-europeu, a partir de seus originais, realizadas por nós anteriormente, tentamos manter o equilíbrio entre uma tradução que não fosse excessivamente literal e nem uma que deturpasse a semântica original do texto.

¹⁸ A última tradução completa do *Poema Rúnico Anglo-Saxão* para o inglês moderno é a de Maureen Hassal, *The Old English Rune Poem: a Critical Edition*. Toronto: University of Toronto Press (1982); sem sombra de dúvida, superior a de Bruce Dickins.

Evitando alterações e adaptações desnecessárias, se limitando a fazê-las quando fosse realmente necessária para a inteligibilidade de seu conteúdo em português. Uma sugestão de leitura dos poemas rúnicos, explicitada por Lars Magnar Enoksen em seu livro (ENOKSEN, 2011: 22) ao falar sobre os versos rúnicos presentes na obra de Johannes Bureus, seria de que a verdadeira compreensão do significado ou a simbologia que uma runa específica possui estaria diretamente



Imagem 5: *Franks Casket*, Painel Frontal. Imagem gentilmente concedida pelo British Museum.

ligada ao “enigma” expresso nos versos que lhe são atribuídos.

Nesse sentido, poderíamos estabelecer um paralelo – ainda que não tão concreto – entre a estrutura dos poemas rúnicos e o estilo japonês da poesia *haiku*. Especificamente no que diz respeito a seu formato: versos curtos, sucintos, de cunho sapiencial e cujo significado exige maior reflexão para a verdadeira compreensão do assunto tratado. Ao mesmo tempo, também aproxima os versos dos poemas rúnicos – aqui numa hipótese bem mais familiar ao período e espaço geográfico da região – com a tradição de adivinhações e charadas da poesia anglo-saxônica. Por exemplo, a inscrição que se encontra no painel frontal da *Franks Casket*. Neste painel temos, inscrito em runas, uma charada em versos aliterativos, cuja resposta é a matéria prima da qual a caixa foi feita:

*fisc flodu ahof on fergenberig
warþ ga:sic grorn þær he on greot giswom.
Hronæsban!*

[“O mar ergueu o peixe até um monte funerário rochoso;
o rei do terror ficou triste quando ele nadou até a areia.
Osso de baleia!”.]

Traduções

O Poema Rúnico Anglo-Saxão

(MS. Cotton Otho B.X.165)

F [Feoh] byþ frofur fira gehwylcum;
sceal ðeah manna gehwylc miclun hyt dælan
gif he wile for drihtne domes hleotan.



F [Riqueza]¹⁹ é um conforto para todos os homens; contudo cada homem deve partilhá-la largamente, se ele deseja receber a aprovação do Senhor.

U [Ur] byþ anmod ond oferhyrned,
felafrecne deor, feohteþ mid hornum
mære morstapa; þæt is modig wuht.



U [O Auroque]²⁰ é feroz e de grandes chifres, uma fera selvagem que luta com os seus chifres, grandioso habitante dos charcos; este é um animal valente!

¹⁹ Nos poemas islandês e norueguês temos o termo *fé* enquanto no *Abecedarium* temos *feu*, i.e. “riqueza”, “fortuna”, “propriedade” e outras palavras relacionadas. Confirmando assim o sentido no poema anglo-saxão, como conceito comum ao norte europeu. Analisarmos a etimologia da palavra pode nos ajudar a compreender melhor o conceito por trás dessa runa. Originalmente tanto a palavra em inglês antigo “*feoh*” quanto em nórdico antigo “*fē*” possui exatamente o mesmo significado: “gado”, animais de criação (ovelhas, porcos e etc). O que joga uma luz sobre o sentido primordial da palavra: a riqueza e prosperidade de uma pessoa estar vinculada a suas posses, aos recursos que ela possui para seu sustento e manutenção de seu padrão de vida dentro dessas sociedades específicas. O que posteriormente torna-se uma palavra associada à ideia de “dinheiro” propriamente dito (como é atualmente no islandês moderno).

²⁰ O poema islandês e o norueguês, assim como o *Abecedarium*, mantém o nome da runa, ainda que com significado diverso. No texto norueguês *úr* possui o sentido de “escória”: *úr er af illu jarne* (“escória é do ferro ruim”) e no islandês *úr* possui o sentido de “chuva”, “garoa”: *úr er skýja grátr ok skára þverrir ok hirðis hatr* (“é o pranto do céu e a colheita não feita e o ódio do pastor”). No caso do poema anglo-saxão – diferentemente de seus paralelos escandinavos – *úr* significa “auroque”. O auroque (*Bos primigenius*) era uma espécie bovina natural da Europa, Ásia e norte da África, mas que encontrou-se extinta em meados do século XVII. O auroque era caracterizado por possuir grande porte físico, força e por seu instinto selvagem. Uma das descrições históricas mais conhecidas do auroque aparece na *De Bello Gallico* (livro VI, cap. 28) de Julio César: “*Tertium est genus eorum, qui uri appellantur. Hi sunt magnitudine paulo infra elephantos, specie et colore et figura tauri. Magna vis eorum est et magna velocitas, neque homini neque ferae quam conspexerunt parant (...)*” [“O terceiro gênero é dos que se chamam uros. São na grandeza pouco inferiores ao elefante; têm a aparência, cor e figura do touro. Grande é sua força e velocidade. Nem a homem, nem a fera, vistos, poupam (...)”]. Entretanto, o nome da runa *Úr* ligada ao animal real e seu verdadeiro convívio com as populações anglo-saxônicas pode ser algo questionável, cf. PAGE, 1973: 67-68.

Ð [Dorn] byþ ðearle scearp; ðegna
gehwylcum anfang ys yfyl, ungemetum reþe
manna gehwelcum, ðe him mid resteð.



Ð [O Espinho]²¹ é amargamente afiado;
terrível para todo guerreiro ao agarrá-lo,
imensamente feroz a todos os homens que
descansam em meio a ele.

²¹ No poema norueguês e no poema islandês essa runa é chamada de “*Purs*”, algo que podemos traduzir como “gigante” ou até mesmo “demônio”, em frases como *Purs vældr kvinna kvillu* (“Gigante/Demônio causa tormento à mulher”) e *Purs er kvenna kvöl ok kletta ibúi ok varðrúnar verr* (“Gigante é o tormento da mulher e o habitante no penhasco e o marido de Vardrun”). Enquanto no *Abecedarium* essa runa é chamada de “*Thuris*”, cujo significado preciso permanece desconhecido até os dias de hoje. As três runas que iniciam o poema rúnico anglo-saxão (*Feoh*, *Úr* e *Dorn*), assim como seus equivalentes no poema rúnico norueguês e islandês, apresentam uma problemática muito importante. Problemática que pode ser perfeitamente aplicada para a análise das demais runas desses mesmos textos: o nome atribuído a cada uma delas. Como vimos anteriormente na introdução, a evidência mais antiga em fontes escritas contendo o nome de runas se encontra no *Abecedarium Nordmannicum*, do século IX. O que podemos considerar uma evidência “tardia” para se compreender a origem da denominação das runas, sejam anglo-saxônicas ou escandinavas. Uma vez que haveria todo um período anterior de formulação e adequação de tais nomes, até que fossem registradas – de forma não muito clara – no manuscrito de São Gall e demais textos. Uma das hipóteses mais recorrentes seria de que os nomes das runas estariam de alguma forma ligada a palavras que remontariam ao passado pagão de tais populações. Assim, tais nomes poderiam estar atrelados às experiências e manifestações da religiosidade norte-europeia. Esta hipótese foi trabalhada de diversas formas, com maior ou menor grau de exageros e proselitismos e mesmo um posicionamento mais cético, que rejeita tal hipótese (relegando assim teorias sobre a origem religiosa pagã da nomenclatura das runas como algum parte de pura fantasia; cf. PAGE, 1973: 66-67). Contudo, obviamente, se os nomes das runas de alguma forma estavam originalmente ligados a esse passado pagão, a introdução do cristianismo iria atuar para uma nova adequação das runas dentro do universo das mentalidades do medievo europeu setentrional. Os nomes das runas anglo-saxônicas como nós conhecemos datam de um momento já pós-cristianização. Por outro lado, os nomes do *Abecedarium Nordmannicum* parecem oriundos de uma Escandinávia que até então permanecia, em sua maior parte, ainda pagã. E isso se torna de suma importância para se estabelecer um paralelo. Supõe-se, com certo grau de confiabilidade, que o significado da runa *Thuris*, presente no *Abecedarium*, seja o mesmo da runa escandinava *Purs* (“Gigante”/“Demônio”). Remontando assim a uma origem germânica comum. Por outro lado, em anglo-saxão, a mesma runa teria sofrido algum tipo de adequação a um ambiente mais cristianizado. Onde o termo “gigante” e/ou “demônio” sai de cena e em seu lugar temos a ideia do “espinho” como fonte de malefício. Outra razão para a alteração de um nome seria o fato de que uma palavra relacionada a uma ideia ou objeto perdesse seu significado original ou sua “utilidade” original. Tornando-a desprovida de significado para seus contemporâneos e necessitando sua alteração para uma nova palavra mais pertinente. Um excelente exemplo é a runa *Úr*. Enquanto para os anglo-saxões ela estava relacionada ao auroque, para noruegueses e – certamente – para islandeses tal associação não faria qualquer sentido. Logo sua alteração para “escória” provinda da fundição do ferro e à “chuva”; cf. PAGE, 1973: 67-68; KEMBLE, 1991: 26-35. Para uma discussão mais aprofundada do uso de *Purs* no contexto nórdico ver FROG, 2013.

O [Os] byþ ordfurma ælere spræce,
 wisdomes wraþu ond witenas frofur
 and eorla gehwam eadnys ond tohiht.



O [Deus]²² é fonte de toda palavra falada, a base da sabedoria e conforto do sábio e a benção e o regozijo de todo nobre.

²² O poema norueguês interpreta “Óss” como “Estuário”, enquanto no poema islandês “Óss” é uma clara referência ao deus Odin. No poema anglo-saxônico “Os” permanece uma palavra controversa. Segundo alguns primeiros pesquisadores, “Os” seria uma apropriação feita do latim para a palavra “boca”. O que iria desvincular a runa de qualquer possível influência pré-cristã (KEMBLE, 1991: 27; PAGE, 1973: 68). Todavia, apesar de plausível, não nos parece uma explicação totalmente satisfatória. Parecendo-nos, na verdade, até mesmo uma construção um tanto artificial ao levarmos em consideração essa estrofe como um todo, não se restringindo apenas a “Os” apenas como “fonte de toda palavra falada”. Para isso seria necessário ignorar todo o contexto cultural existente na Inglaterra da época. A associação de Os com a ideia de um “deus” fonte de toda palavra falada, sabedoria e etc., não é destoante da conceptualização do deus cristão dentro na Inglaterra anglo-saxônica e da hermenêutica cristã. Por exemplo, no poema *Beowulf* (versos 1724 – 1727) temos: *Wundor is to secganne hu mihtig god manna cynne þurh sidne sefan snyttru bryttad eard ond eorlscipe* [“É uma maravilha dizer como para a raça dos homens o poderoso Deus, por meio de Seu grande espírito, distribui sabedoria, terras e nobreza”]. Ideia praticamente idêntica a que aparece, no mesmo período, na versão em inglês antigo da *Consolatio Philosophiae* de Boécio. Na versão anglo-saxônica de Boécio, a sabedoria (*wisdom*, em inglês antigo) é descrita como a mais alta das virtudes (*hehsta crafti*), uma manifestação divina e, diferentemente do simples poder mundano, possui a capacidade de conceder méritos e qualidades àqueles que a buscar e a amar. Desta forma, a Sabedoria (neste caso com “S” maiúsculo) estaria identificada com Deus, e ligada à ideia de uma divindade que é o governante supremo, detentor de um poder que está além da completa compreensão humana. Tal Sabedoria representaria o poder de Deus de governar a Criação, o verdadeiro poder dos reis, dos homens e de todos aqueles que detêm algum tipo de autoridade e bem a administram. Conceito que remontaria a Santo Agostinho, ao dizer que “Cristo é a Sabedoria de Deus” (*Civitate Dei*, XVII, 20) e ao Velho Testamento (“Eu sou a Sabedoria, moro com a sagacidade, e possuo o conhecimento da reflexão (...) É por mim que reinam os reis, e que os príncipes decretam a justiça; por mim governam os governadores, e os nobres dão sentenças justas” - Provérbios 8: 12-16). Além disso, tais associações cristãs com Os poderiam ter sido “facilitadas” justamente em função de suas possíveis similaridades pré-cristãs. Isto pode ser realizado ao observarmos seu desenvolvimento fonético e o paralelo que pode ser estabelecido entre a ideia em torno da runa Os, da Óss islandesa e da runa *Ansuz* do antigo *futhark* e sua ligação com a figura do deus Woden/Odin. De forma sucinta, do antigo contexto germânico teríamos inicialmente o som *a* /*a*/ referente à runa *Ansuz* (i.e. “deus”), um cognato no nórdico antigo a *Áss*/*Óss*. Com desenvolvimento dos idiomas germânicos ocidentais, teremos o surgimento de variantes deste mesmo som. Em inglês antigo e no frísio a antiga *Ansuz* se desenvolverá nas runas *Os*, *Ac* e *Æsc* (por exemplo, em nomes próprios, o som de *Os* se faz presente em “*Óswald*” e *Æsc* em “*Æþelred*”), cf. PAGE, 1973: 42-44. Do ponto de vista “mitológico”, *Ansuz* – e consequentemente *Áss*/*Óss* e *Os* – estaria ligada a figura do antigo deus Woden dos anglo-saxões e Odin dos escandinavos. O antigo Woden permanece ainda uma figura complexa, uma vez que muito pouco chegou até nós, nos deixando ainda no campo das conjecturas. Contudo, a divindade ao que se pode imaginar desempenharia funções muito semelhantes ao Odin nórdico. No caso de Odin, temos uma gama muito maior de informações, onde a divindade desempenharia atividades ligadas à guerra, morte, poesia, sabedoria e magia. Em uma das melhores fontes a demonstrar a relação de Odin com as runas, o *Hávamál*, ao relatar o processo ritualístico realizado pelo deus para obter o conhecimento das runas, entre outros poderes místicos, temos: “*Veit ek at ek hekk vindga meiði á nætr allar níu geiri undaðr ok gefinn Óðni sjálfir sjálfum mér á þeim meiði er manngi veit hvers hann af rótum renn. Við hleifi mik sældu né við hornigi nýsta ek niðr nam ek upp rúnar æpandi nam fell ek apr þaðan*” [“Eu sei que eu pendi numa árvore balançada pelo vento por nove noites inteiras, ferido por uma lança, e dedicado a Odin, eu mesmo a mim mesmo; naquela árvore que não sei de onde suas raízes vêm. Eles não me consagraram com pão nem com qualquer chifre; eu contemplei lá embaixo, eu peguei as runas, gritando as peguei e de lá eu caí.”]; e mais tarde, no mesmo trecho do *Hávamál*, uma nova referência muito clara às runas e a utilização das mesmas, quando Odin pergunta (talvez ao próprio leitor/ouvinte): “*Rúnar munt þú finna ok ráðna stafr mjök stóra stafr mjök stinna stafr er fáði fimbulpulr ok gørdu ginnregin ok reist Hroþr rognna (...)* *Veiztu hvé rísta skal? Veiztu hvé ráða skal? Veiztu hvé fá skal? Veiztu hvé freista skal? Veiztu hvé biðja skal? Veiztu hvé blóta skal? Veiztu hvé senda skal? Veiztu hvé sóa skal?*” [“Runas você pode encontrar e letras auxiliadoras, letras muito poderosas, letras muito fortes, as quais o sábio poderoso pintou e os deuses fizeram e que Hroþr dos deuses gravou (...) Você sabe como deve entalhar? Você sabe como deve interpretar? Você sabe como deve pintar? Você sabe como deve testar? Você sabe como deve perguntar? Você sabe como deve sacrificar? Você sabe como deve enviar? Você sabe como deve cessar?”]; cf. MEDEIROS, 2013a: 592 – 593.

R [Rad] byþ on recyde rinca gehwylcum sefte ond swiþhwæt, ðamðe sitteþ on ufan meare mægenheardum ofer milpaþas.

R

R [Cavalgar], em casa, para todo guerreiro é tranquilo, e grandioso para aquele sentado em um poderoso cavalo por sobre as estradas²³.

C [Cen] byþ cwicera gehwam, cuþ on fyre blac ond beorhtlic, byrneþ oftust ðær hi æþelingas inne restap.

C

C [A Tocha]²⁴ é conhecida por todos os seres viventes por sua chama pálida e brilhante; sempre arde onde os príncipes descansam²⁵.

G [Gyfu] gumena byþ gleng and herenys, wraþu and wyrþscype and wræcna gehwam ar and ætwist, ðe byþ oþra leas.

G

G [Generosidade]²⁶ é para os homens honra e louvor, suporte e dignidade; e auxílio e sustento para o desafortunado quando está privado dela.

W [Wen] ne bruceþ, ðe can weana lyt sares and sorge and him sylfa hæfþ blæd and blysse and eac byrga geniht.

W

W [Alegria]²⁷ não partilha aquele que conhece um pouco de tristeza e sofrimento; mas aquele que possui prosperidade e felicidade e também uma fortaleza abastada.

H [Hægl] byþ whitust corna; hwyrft hit of heofones lyfte, wealcaþ hit windes scura; weorþeþ hit to wætere syððan.

H

H [O Granizo]²⁸ é o mais branco dos grãos; ele cai das alturas do céu, atirado em rajadas pelo vento; e então ele se transforma em água.

²³ A ideia expressa no poema rúnico anglo-saxão parece ser de simples compreensão: cavalgar parece algo fácil e prazeroso quando ainda se está no conforto de seu lar, mas algo grandioso e árduo quando de fato se está em uma jornada.

²⁴ A palavra desta runa, *Cen*, não surge em nenhuma outra fonte em inglês antigo; o que nos leva a supor que seja uma palavra específica para a runa. Sua tradução como “tocha” pode ser deduzida a partir da leitura dos versos e também pelos seus cognatos em alto alemão antigo *chien*, *chen*, *ken* (cf. PAGE, 1973: 69). No poema rúnico norueguês e no islandês temos a palavra *Kaun* para essa runa, i.e. “ferida”, “úlceras”. Enquanto no *Abecedarium* encontramos a palavra *Chaon*, cujo significado é claro o que, de forma geral, torna o entendimento original desta runa ainda obscuro devido sua multiplicidade de significados e interpretações.

²⁵ *ðær hi æþelingas inne restap*: numa tradução mais literal, “no interior onde os príncipes se sentam/descançam”, i.e. uma alusão aos salões.

²⁶ *Gyfu* corresponde à letra “G” no inglês antigo como em “game” em inglês moderno ou o g em “galo”, em português, quando no início ou no meio da palavra. Ex.: *god* (bom), *gamol* (velho, idoso), *fugol* (pássaro), *frumgar* (líder). Como fica claro pela leitura dos demais poemas rúnicos, *Gyfu* existe apenas no poema anglo-saxônico. *Gyfu*, originalmente em inglês antigo significa “presente”, “dádiva”. Mas no poema ele vem acompanhado da palavra no plural genitivo *gumena* (“homens”, “humanidade”) passando a significar “generosidade”, “ato de doação”.

²⁷ O texto traz a palavra *Wen* (“esperança”) que poderia ter sua origem na palavra em frísio com a mesma grafia para “alegria”. “Alegria” em inglês antigo seria *Wynn*, contudo Stephen Pollington possui a teoria de que talvez de fato o texto queira dizer “alegria”, mas numa variante no dialeto (possivelmente) do sudoeste da Inglaterra, (cf. PAGE, 1973: 69; POLLINGTON, 1995: 45). O sentido dos versos é de simples compreensão: aquele que conhece a tristeza e sofrimento não pode partilhar da alegria, diferentemente daquele que é feliz por ser contente em possuir prosperidade e um fortaleza abastada.

²⁸ *Hægl* encontra exatamente o mesmo significado nos textos escandinavos na palavra *Hagall*: “granizo”.

N [Nyd] byþ nearu on breostan; weorþeþ hi ðeah oft niþa bearnum to helpe and to hæle ge hwæpre, gif hi his hlystaþ æror.



N [A Necessidade]²⁹ é opressiva para o peito; ainda assim, às vezes ela se torna auxílio e salvação aos filhos dos homens se ela for atendida com antecedência.

I [Is] byþ ofer cealdunge metum slidor, glisnaþ glæs hluttur gimum gelicust, flor forste ge woruht, fæger ansyne.



I [O Gelo] é extremamente frio, muito escorregadio, brilhante, claro como vidro, como uma joia; um solo coberto pela geada, agradável de ver.

G [Ger] byþ gumena hiht, ðon God læteþ, halig heofones cyning, hrusan syllan beorhte bleða beornum ond ðearfum.



G³⁰ **[O Ano]** é alegria dos homens, quando Deus, o sagrado Rei celeste, permite que o solo conceda excelentes frutos aos nobres e aos necessitados.

EO [Eoh] byþ utan unsmeþe treow, heard hrusan fæst, hyrde fyres, wyrtrumun underwreþyd, wyn on eþle.



EO [O Teixo]³¹ é uma árvore de casca áspera, fortemente presa ao solo, apoiada por suas raízes, guardiã do fogo, alegria no lar.

P [Peorð] byþ symble plega and hlehter wlancum, ðar wigan sittaþ on beor sele bliþe æt somne.



P [Peorth]³² é a comemoração contínua e o riso do valoroso; onde os guerreiros se sentam no salão de cerveja, alegremente reunidos.

²⁹ *Nyd*, assim como seus cognatos em norueguês (*Nauðr*) e islandês (*Nauð*) trazem a mesma ideia de “necessidade”, “sofrimento”, “aflição”, “opressão”.

³⁰ *Ger* corresponde à letra “G” no inglês antigo quando está adjacente às vogais *e*, *i* e *æ* possuindo assim o som de *y* como em “year” no inglês moderno ou próximo o *i* em “Iemanjá” no português. Por exemplo.: *gif* (se), *geong* (jovem), *dæg* (dia). Se assemelhando – mas não sendo o mesmo – que o som da letra *j* no nórdico antigo em palavras como *Jörmungandr*, por exemplo. *Ger* viria originalmente de *jēra*, do qual teria vindo também no nórdico antigo *Ár* (presente tanto no poema norueguês quanto no islandês) e cujo significado é o mesmo: “Ano”; ainda que haja a diferença do caractere rúnico. Enquanto no poema rúnico *Ger* corresponda a um dos fonemas da letra *g* em inglês antigo, nos poemas escandinavos *Ár* corresponde à letra *a*. Cujo significado, em geral, está relacionado a algo benéfico e não exatamente ao mero “ano” cronológico: “ano/período próspero”, “abundante” e etc. Alguns tradutores optam por usarem termos como “estação” (o que não estaria de todo distante do sentido original das palavras) ou ainda atribuindo *Ger* ou *Ár* como equivalente a “verão (o que está equivocado). Sendo assim, uma tradução alternativa a essa runa anglo-saxônica seria “O Ano próspero/frutífero/farto/produtivo é alegria dos homens, quando Deus, o sagrado Rei celeste, permite que o solo conceda excelentes frutos aos nobres e aos necessitados”; e o mesmo se aplica aos poemas escandinavos (cf. POLLINGTON, 1995: 47).

³¹ Como em outros casos aqui já mencionados, *Eoh* referente a árvore do teixo aparece em outras fontes grafada como *eow* ou *iw*. Esta runa não aparece em outras formas nas variantes em *futhork*, apesar de se poder estabelecer um com *Ýr*, como no poema norueguês. O que poderia ser um indício de que esta seria uma runa vinculada ao teixo remontaria a uma tradição mais antiga, mais ai estaríamos meramente no campo das conjecturas.

³² *Peorð* aparece unicamente no texto do poema rúnico anglo-saxônico, o que torna seu significado e origem um completo mistério. Fazendo com que – apesar de várias opiniões por parte de diversos pesquisadores (desde que o texto estaria fazendo menção a algum tipo de jogo, à bebida, festas, cerimônia e etc.) – qualquer suposição e/ou sugestão de seu significado não avance além do campo das hipóteses (cf. POLLINGTON, 1995: 48; PAGE, 1973: 70-71).

X [Eolhx] seccard hæfþ oftust on fenne
wexeð on wature, wundaþ grimme,
blode breneð beorna gehwylcne
ðe him ænigne onfeng gedeð.



X [O Junco]³³ é muitas vezes encontrado no brejo; cresce na água; provoca graves ferimentos, manchando de sangue todo guerreiro que tenta pegá-lo.

S [Sigel] semannum symble biþ on hihte,
ðonn hi hine feriaþ ofer fischesbeþ,
oþ hi brimhengest bringeþ to lande.



S [O Sol] é constante alegria para os marinheiros, quando eles viajam por sobre o banho dos peixes³⁴, quando eles trazem o cavalo das ondas³⁵ para a terra.

T [Tir] biþ tacna sum, healdeð trywa wel
wiþ æþelingas; a biþ on færylde
ofer nihta genipu, næfre swiceþ.



T [Tir]³⁶ é um sinal guia, mantém a boa fé com os príncipes, está sempre em seu caminho sobre as nuvens da noite, nunca falhando.

B [Beorc] byþ bleða leas, bereþ efne swa
ðeah tanas butan tudder, biþ on telgum
wlitig, þeah on helme hrysted fægere,
geloden leafum, lyfte getenge.



B [A Bétula] é desprovida de frutos, entretanto produz galhos apesar da (ausência) de sementes; mesmo assim, esplêndidos são seus ramos, belamente decorando através de sua copa, adoravelmente crescendo junto às alturas.

E [Eh] byþ for eorlum æþelinga wyn,
hors hofum wlanc, ðær him hæleþ ymb
welege on wicgum wrixlaþ spræce
and biþ unstyllum æfre frofur.



E [O Cavallo] é felicidade para nobres frente aos príncipes; valoroso em seus cascos, quando sobre ele os heróis a cavalo trocam palavras³⁷; e é sempre um conforto ao fatigado.

³³ Assim como a runa anterior, não é claro ao que se refere *Eolhx*. Seu significado parece se relacionar com *Eoh* e encontra seu equivalente pictórico nos poemas escandinavos na runa *Ýr*. A princípio é possível que a runa esteve ligada à palavra *eolh* (“cervo”). Entretanto, ainda nos primeiros estudos sobre o poema que se notou a ligação entre *Eolhx* e *seccard*, como aparecem no manuscrito. Em outros textos em inglês antigo temos a palavra *eolhxsecg* referente a planta do junco, usada para se fazer papiro (PAGE, 1973: 71).

³⁴ *Fischesbeþ*: “o banho dos peixes” (i.e. o mar, o oceano).

³⁵ *Brimhengest*: “cavalo das ondas” (i.e. barco).

³⁶ A runa *Tir* é mais uma que apresenta problemas quanto seu significado e origem. Baseado no contexto da época e no que podemos encontrar nos poemas rúnicos escandinavos, a origem dessa runa está atrelada à figura do deus Tyr (para os escandinavos, Tiw entre os anglo-saxões). Um exemplo de sua importância (tanto da runa quanto do deus Tyr) no contexto escandinavo pode ser visto, por exemplo, na *Edda Poética*, no poema *Sigrdrifumál* (estrofe 6) ao falar como gravar “runas vitoriosas” no punho de uma espada se você anseia obter a vitória e ao mesmo tempo evocar o deus Tyr (cf. ORCHARD, 2011: 170). Entretanto, a forma como *Tir* se apresenta no texto em inglês antigo não parece estar fazendo menção ao antigo deus de uma única mão. Existe em inglês antigo a palavra *tir*, que está relacionada à ideia de honra e/ou glória. Ainda assim, isso não ajuda a esclarecer quem ou o que seria *Tir* no poema. Independente ou não de sua ligação com a divindade pagã, o mais provável é que *Tir* no poema rúnico anglo-saxônico esteja fazendo menção a algum tipo de estrela ou constelação conhecida na época (talvez até mesmo vinculada previamente ao deus Tiw/Tyr); cf. PAGE, 1973: 72.

³⁷ *wrixlaþ spræce*: literalmente “trocar falas”.

M [Man] byþ on myrgþe his magan leof:
sceal þeah anra gehwylc oðrum swican,
forðum drihten wyle dome sine
þæt earme flæsc eorþan betæcan.



M [O Homem] é a alegria de seus entes queridos; contudo, cada um deve faltar ao outro, pois a vontade do Senhor decretou que a terra tome a carne efêmera.

L [Lagu] byþ leodum langsum geþuht,
gif hi sculun neþun on nacan tealtum
and hi sæ yþa swyþe bregap
and se brimhengest bridles ne gym.



L [O Oceano]³⁸ parece sem fim para as pessoas, se elas devem se aventurar em um barco que chacoalha e as ondas do mar as amedrontam e não controlam os arreios do cavalo das ondas.

ING [Ing] wæs ærest mid East-Denum
gesewen secgun, oþ he siððan est
ofer wæg gewat; wæn æfter ran;
ðus Hearingas ðone hæle nemdun.



ING [Ing]³⁹ foi visto primeiramente pelos homens entre os Dinamarqueses do leste, até que ele então para o oriente, sobre as ondas, rumou; seguido de sua carruagem. Assim, os Hearingas o chamaram de herói.

³⁸ Em uma tradução mais literal, *Lagu* seria “água”. Contudo, utilizamos a palavra “oceano” de forma a concordar com a ideia geral apresentada pelo poema.

³⁹ *Ing*, ao que podemos supor inicialmente, faz menção a uma personagem germânica lendária. Não encontrando paralelos nos outros dois poemas rúnicos escandinavos e nem mesmo no *Abececlarium*. Até onde podemos apurar, não há qualquer personagem chamada “Ing” na tradição sócio-cultural e literária da Inglaterra anglo-saxônica. O mais próximo disso é a personagem de Ingeld, que surge nos poemas *Widsith* (versos 45 – 49) e em *Beowulf* (versos 2063 – 2069), mas vinculando-o ao povo dos Headobardos. E ainda na carta de Alcuino de York ao mosteiro de Lindisfarne, em c. 797, onde surge a célebre pergunta: *Quid enim Hiniieldus cum Christo?* [“O que Ingeld tem a ver com Cristo?”]. Entretanto, ainda no poema *Beowulf* temos o termo *Ingwine* [“amigos de Ing”], utilizado por duas vezes (versos 1043 e depois em 1321), ao se referir ao povo dinamarquês. Os *Ingwine* poderiam estar relacionados aos *Ingaevones* que Tácito menciona na *Germania* (TACITO, *Germania*, II), como um povo que vivia próximo ao mar. E mais tarde, Tácito também menciona um povo que vive numa ilha e que cultua a deusa Nerthus, que possuía uma carruagem (TACITO, *Germania*, XL). Posteriormente na tradição escandinava, o deus Frey é representado como possuindo um tipo de carro/carruagem (PAGE, 1973: 73 – 74). No século XIII, Snorri Sturluson em sua *Edda*, no *Skaldskaparmál*, identifica outro nome para ele: *Yngvi-Freyr*, filho de Odin. E antes disso, na mesma obra, Sturluson nos fala sobre *Yngvi*, filho de Odin, que se tornou rei da Suécia e dele veio a linhagem dos *Ynglings* (STURLUSON, 1987: 5 e 156); o mesmo se repetindo em outra de suas obras, a *Heimskringla*, no início da *Ynglinga saga* (STURLUSON, 1990: 1 – 35). Na *Edda Poética* ele também surge nos poemas *Helgakvida Hundingsbana in fyrri* (estrofe 55), no *Reginmál* (estrofe 14) e *Lokasenna* (estrofe 43); e no poema *Hyndluljóð* – que não faz parte do manuscrito original da *Edda Poética* – temos na estrofe 16 a menção aos *Ynglings*, juntamente com os *Skjöldungs* como tendo uma ascendência em comum. Sendo assim, ainda que a partir de indícios circunstanciais, todos esses elementos podem sugerir que *Ing* presente no poema rúnico anglo-saxônico estaria se referindo a uma divindade do passado (possivelmente o deus Frey) que se valia de uma carruagem, mas que acabou passando por um processo evemerista e transformado em um herói, atendendo as estruturas mentais presentes no momento de concepção do poema (vide nossos comentários anteriores na nota de rodapé sobre a runa *Ðorn*). Algo que ocorre de forma semelhante no prólogo de Snorri Sturluson de sua *Edda* e na *Ynglinga saga* ao tornar os deuses nórdicos em antigos heróis provindos do oriente e conquistadores do norte-europeu. Ver também NORTH, 1997: 44 – 48.

Ē [Ēpel] byþ oferleof æghwylcum men,
gif he mot ðær rihtes and gerysena on
brucan on blode bleedum oftast.



Ē [A Terra Natal] é preciosa para cada um dos homens, se lá ele puder aproveitar do que é correto e apropriado à prosperidade frequentemente atrelada ao sangue⁴⁰.

D [Dæg] byþ drihtnes sond, deore mannum,
mære metodes leoht, myrgþ and tohiht
eadgum and earmum, eallum brice.



D [O Dia] é enviado pelo Senhor, querido pelos homens, gloriosa luz do Criador, alegria e esperança ao próspero e ao desafortunado, útil a todos.

A [Ac] byþ on eorþan elda bearnum
flæsces fodor, fereþ gelome
ofer ganotes bæþ; garsecg fandap
hwæþer ac hæbbe æþele treowe.



A [O Carvalho] é o que na terra alimenta com carne⁴¹ todos⁴² os filhos dos homens; às vezes viaja sobre o banho dos pássaros⁴³, o oceano testa o carvalho a fim de se manter a nobre confiança (nele).

Æ [Æsc] biþ oferheah, eldum dyre
stiþ on stapule, stede rihte hylt,
ðeah him feohtan on firas monige.



Æ [O Freixo] é muito alto, querido por todos; fixo em sua base, o tronco se mantém firme apesar dele ser atacado por muitos homens.

⁴⁰ *Ēpel*, em inglês antigo, está ligada à ideia de “terra natal”, “lar”, “local de origem” e mesmo “propriedade” no sentido de terra. Apesar de não encontrar paralelo nos poemas escandinavos e no *Abecedarium, Ēpel* possui grande similaridade – tanto gráfica quanto semântica – com a runa *Opala/Opila* (“propriedade”, “posse herdada”) do *antigo futhark*; cf. BARNES, 2012: 21-22 e 163. O manuscrito, segundo a transcrição de George Hickes (cf. KEMBLE, 1991: 31; ENOKSEN, 2011: 45), traz um texto exatamente como apresentado por nós nesse trabalho. Entretanto, outros pesquisadores acreditam que na última linha dessa estrofe possa ter ocorrido um erro (cf. POLLINGTON, 1995: 50; PAGE, 1973: 74; DICKINS, 1915: 20). Segundo eles, ao invés de “...brucan on *blode bleedum oftast*”, teríamos na verdade “...brucan on *bolde bleedum oftast*” (grifo nosso). Alterando o sentido do poema para “Terra Natal é preciosa para cada um dos homens, se lá ele puder aproveitar do que é correto e apropriado à prosperidade frequentemente atrelada ao lar”.

⁴¹ Ainda que sua estrutura se apresente na forma de uma charada a respeito da utilidade do carvalho para os homens – o que pode gerar dúvidas quanto a seu real significado – a primeira parte da estrofe da runa *Ac* é muito simples: “*Ac byþ on eorþan elda bearnum flæsces fodor...*” i.e. “*O Carvalho é o que na terra alimenta com carne todos os filhos dos homens...*”. Claramente podemos interpretar aqui que o fato do carvalho alimentar com carne, quem quer que seja, está em sentido figurado. Que em função do uso do carvalho – das mais diversas maneiras e propósitos – é possível aos homens se alimentarem. Contudo, em algumas traduções é possível encontrar textos fazendo menção à “carne de porco” (cf. DICKINS, 1915: 21; PAGE, 1973: 74), sem maiores explicações por parte de seus autores. Apenas insinuando que o carvalho forneceria carne de porco aos homens ou alimentaria a carne dos porcos. Fato que não está presente em nenhum momento na estrofe da runa *Ac*. Não há neste trecho do poema qualquer palavra ou terminologia relacionada a porcos, suínos ou qualquer outro animal. O que, ao que parece, seria uma ação deliberada, a partir de pura conjectura, de enxertar informações novas que não fazem parte do texto original. Tornando-o uma recriação do texto anglo-saxônico e não uma tradução e/ou adaptação para um idioma moderno.

⁴² Há um problema aqui com a palavra *elda*. Em inglês antigo, uma possível tradução seria “velho”, ou algo relacionado à idade. Mas ainda assim não faria sentido com o restante do verso. Principalmente se compararmos com a palavra *eldum* nos versos da runa seguinte. Uma possível solução seria a de que talvez *elda* e *eldum* tenham sido copiados de forma errada e talvez o correto seria algo referente a palavra *eall* (“tudo”, “todos”) o que faria mais sentido na estrutura do texto.

⁴³ *ganotes bæþ*: “banho dos pássaros” (i.e. o mar, o oceano).

Y [Yr] byþ æþelinga and eorla gehwæs
wyn and wyrþmynd, byþ on wicge fæger,
fæstlic on færeldre, fyrðgeatewa sum.



Y [Yr]⁴⁴ é para todo príncipe e nobre alegria e honra; em um cavalo, firme na jornada, é um belo utensílio de batalha.

IO [Io/Iar] byþ ea fixa and ðeah a bruceþ
fodres on foldan, hafaþ fægerne eard
wætre beworpen, ðær he wynnum leofaþ.



IO [Io/Iar]⁴⁵ é um peixe de rio e mesmo assim ele aproveita do alimento em terra, possui uma bela morada cercada pela água, onde ele vive com alegria.

EAR [Ear] byþ egle eorla gehwylcun,
ðonn fæstlice flæsc onginneþ,
hraw colian, hrusan ceosan
blac to gebeddan; bleða gedreosaþ,
wynna gewitaþ, wera geswicaþ.



EAR [A Sepultura]⁴⁶ é maligna para todos os nobres, quando a carne rija do pálido cadáver começa a esfriar, escolhendo a terra como consorte; a prosperidade definha, a alegria desaparece, acordos se desfazem.

O Poema Rúnico Islandês

(Stofnun Árna Magnússonar, MS. AM 687d 4º & MS. AM 486 12º)

F [Fé] er frænda róg ok flæðar viti ok
grafseiðs gata.



F [Riqueza] é desavença entre parentes e o sinal de maré e o caminho da serpente.

U [Úr] er skýja grátr ok skára þverrir ok
hirðis hatr.



U [Chuva] é o pranto do céu e a colheita não feita e o ódio do pastor.

⁴⁴ Assim como outras runas anglo-saxônicas, *Yr* apresenta o problema de não ser claro ao que ela se refere. Sabe-se que, segundo seus próprios versos, a referência seria a algum tipo de arma. Mas a qual exatamente é fruto de conjecturas. A hipótese mais aceita é de que o objeto em questão seria um arco, principalmente pelo paralelo com o poema islandês, onde temos a runa *Yr* descrita como um “arco curvado”.

⁴⁵ *Io* ou *Iar* é mais uma runa problemática. Aqui também não sabemos a que o termo se refere e qualquer análise etimológica se mostrou absolutamente infrutífera. Além também de não encontrarmos paralelos nos demais poemas rúnicos, a natureza do texto anglo-saxônico de se apresentar como uma charada contribui ainda mais para o mistério. Alguns pesquisadores tentaram interpretar a palavra e traduzi-la como “peixe”, “enguia” ou ainda “castor”, mas novamente não passam de meras conjecturas sem um embasamento concreto. O único consenso é de que se trata de algo ou alguma coisa aquática. Portanto, a tradução de *Io/Iar* como sendo qualquer um desses animais citados, ou até mesmo outros, representa simplesmente uma escolha pessoal do tradutor e não algo significativamente conclusivo dentro dos estudos sobre o poema até a atualidade; cf. POLLINGTON, 1995: 51; PAGE, 1973: 75; KEMBLE: 1991: 33; DICKINS, 1915: 23.

⁴⁶ O fato de o poema rúnico anglo-saxônico terminar com a runa *Ear* é no mínimo interessante, e na verdade não seria um absurdo pensarmos que isso tenha sido intencional por parte de seu compilador. Não há grandes dificuldades interpretativas desta estrofe, não deixando qualquer dúvida de que o assunto principal aqui é a morte e suas conseqüências aos seres humanos. Para uma análise mais aprofundada da runa *Ear* do poema rúnico anglo-saxônico ver PAGE, 1995: 71 – 85.

Þ [Þurs] er kvenna kvöl ok kletta íbúi ok Varðrunar verr.



Þ [Gigante] é o tormento da mulher e o habitante no penhasco e o marido de Vardrun⁴⁷.

O [Óss] er aldingautr ok Ásgarðs jöfurr, ok Valhallar vísi.



O [Deus] é o velho criador⁴⁸ e o senhor de Asgard e o sábio do Valhalla.

R [Reið] er sitjandi sæla ok snúðig ferð ok jórs erfíði.



R [Cavalgar] é o prazer do que está sentado e a jornada tranquila e o trabalho do cavalo.

K [Kaun] er barna bøl ok bardaga [fōr] ok holdfúa hús.



K [Ferida] é o tormento da criança e fruto de embate e lar da putrefação.

H [Hagall] er kaldakorn ok krapadrifa ok snáka sótt.



H [Granizo] é o grão gelado e o caminho imundo e a enfermidade da cobra.

N [Nauð] er þýjar þrá ok þungr kostr ok vássamlig verk.



N [Necessidade] é a aflição do servo e a situação difícil e o trabalho árduo.

I [Íss] er árbörkr ok unnar þekja ok feigra manna fár.



I [Gelo] é a casca do rio e teto das ondas e o infortúnio⁴⁹ do homem condenado.

A [Ár] er gumna góði ok gott sumar algróinn akr.



A [Ano]⁵⁰ é a benesse dos homens e um bom verão, o campo bem cultivado.

⁴⁷ Este trecho é de difícil compreensão. Devido a natureza da runa *Þurs* e sua tradução como “gigante”, em diversas fontes “*Varðrun(a)*” é identificado como sendo o nome de uma gigante. Contudo, isso não chega a ser um consenso entre as próprias fontes e os pesquisadores, dando margem a outras interpretações; cf. PAGE, 1999: 27.

⁴⁸ Outra tradução para *aldingautr* poderia ser “o velho Gautr”.

⁴⁹ O poema é de fácil compreensão. No que se refere a sua parte final, outra possibilidade de tradução seria interpretar *fár* (“perigo”, “infortúnio”) como *far* (“caminho”, “trajeto”), o que parece plausível e manteria o sentido geral da runa *Íss*; cf. PAGE, 1999: 28.

⁵⁰ Ver nota de rodapé da runa *Ger* no poema rúnico anglo-saxônico; sobre a parte final desta estrofe (“... *algróinn akr*”) ver também PAGE, 1999: 29.

S [Sól] er skýja skjöldr ok skínandi røðull ok ísa aldrtrégi.



S [Sol] é o escudo das nuvens e um halo brilhante e o destruidor do gelo⁵¹.

T [Týr] er einhendr áss ok ulfs leifar ok hofa hilmir.



T [Tyr] é o deus de uma mão e a sobra do lobo⁵² e o guardião dos templos⁵³.

B [Bjarkan] er laugat lim ok lítit tré ok ungsamligr viðr.



B [Bétula] é o ramo com folhagem e a pequena árvore e a madeira jovial⁵⁴.

M [Maðr] er manns gaman ok moldar auki ok skipa skreytir.



M [Homem] é a alegria do homem⁵⁵ e o produto da terra e o adorno do barco.

L [Løgr] er vellanda vatn ok viðr ketill ok glømmunga grund.



L [Água]⁵⁶ é a água ondulante e a grande caldeira e o campo dos peixes.

⁵¹ A parte final dessa estrofe pode ser uma adição posterior. Adição essa que ao invés de “... ísa aldrtrégi” é possível encontrarmos também “... hverfandi hveli”; a mesma expressão encontrada no *Hávamál* (estrofe 84) onde temos *á hverfanda hvéli* (“uma roda que gira”). No *Alvísmál* temos *hverfanda hvél* relacionado à lua e, assim como no *Hávamál*, com a ideia de como o coração das mulheres é volúvel (nesse último caso, como as fases da lua). Ver PAGE, 1999: 29; MEDEIROS, 2013a: 575.

⁵² A menção ao deus Tyr como “a sobra do lobo” faz referência à mitologia nórdica, ao aprisionamento do lobo Fenrir; como descrito na *Edda* de Snorri Sturluson (no *Gylfaginning*, capítulo 25) e na *Edda Poética* (no poema *Lokasenna*, estrofes 38 – 40), por exemplo. Segundo o mito, temerosos pela ameaça que representava, os deuses teriam tentado enganar e aprisionar Fenrir, apostando se ele seria forte o bastante para se livrar da corrente Gleipnir. Mesmo desconfiando da intenção dos deuses, Fenrir aceita o desafio. Entretanto, exige que para que fosse acorrentado um deles, dos deuses, deveria ter coragem o bastante para deixar a mão em sua boca, enquanto os demais o prendiam. Tyr, o mais valente entre eles, se voluntariou para o desafio. Fenrir foi preso e, por mais que tentasse, não conseguiu se libertar de Gleipnir. Assim que o desafio terminou e os deuses se recusaram a libertá-lo, percebendo a trapaça, Fenrir abocanhou e arrancou a mão direita de Tyr; cf. STURLUSON, 1975: 44 – 45; STURLUSON, 1987: 24 – 25; ORCHARD, 2011: 90 – 91. Ver também a nota sobre a runa *Tir* no poema rúnico anglo-saxônico.

⁵³ Como no caso de *Sól*, aqui também é possível que a última parte da estrofe da runa *Tyr* (“...ok hofa hilmir”) seja uma inserção posterior; cf. PAGE, 1999: 29.

⁵⁴ Existem muitas variantes entre as possibilidades de como seria composto os versos dessa runa. Para nossa tradução utilizamos a transcrição baseada essencialmente no manuscrito AM 687d 4º. Para maiores informações das demais possibilidades ver PAGE, 1999: 29.

⁵⁵ A primeira parte dessa estrofe (“*Maðr er manns gaman...*”) pode ser encontrada também no *Hávamál*, estrofe 47: *Ungr var ek forðum fór ek einn saman þá varð ek villr vega auðigr þóttumk er ek annan fann maðr er manns gaman* [“Há muito tempo eu era jovem, eu viajei sozinho, então acabei me perdendo no caminho: me considerei rico quando eu encontrei outro, o homem é o deleite do homem”], cf. MEDEIROS, 2013a: 567.

⁵⁶ Ver poema rúnico anglo-saxônico sobre a runa *Lagu* para maiores informações; assim como para variações deste trecho do poema islandês ver PAGE, 1999: 30.

Y [Ýr] er bendr bogi ok brotgjarnt járn ok fífu fárbauti.



Y [Arco] é um arco curvado e delicado utensílio e arremessador de flechas⁵⁷.

O Poema Rúnico Norueguês⁵⁸

F [Fé] vældr frænda róge; fðesk ulfr í skóge.



F [Riqueza] causa desavença de parentes; o lobo se alimenta na floresta.

U [Úr] er af illu járne; opt løypr ræinn á hjarne.



U [Escória] é do ferro ruim; às vezes a rena corre sobre a neve congelada.

Þ [Þurs] vældr kvinna kvillu; kátr værðr fár af illu.



Þ [Gigante] causa tormento à mulher; poucos são felizes com o infortúnio.

O [Óss] er flæstra færða fqr; en skalpr er sværða.



O [Estuário⁵⁹] é o caminho de várias jornadas; mas para espadas é a bainha.

R [Ræið] kveða rossom væsta; Reginn sló sværðet bæzta.



R [Cavalgar] diz ser o pior para os cavalos; Regin forjou as melhores espadas.⁶⁰

⁵⁷ A transcrição dessa runa é extremamente controversa devido ao estado de conservação dos manuscritos e as divergências encontradas entre eles (PAGE, 1999: 30). Para nossa tradução, nos baseamos nas transcrições de POLLINGTON, 1995: 55; e também em DICKINS, 1915: 32.

⁵⁸ Ver livro de Dickins, 1915.

⁵⁹ Óss: Literalmente “boca” e pelo restante dos versos conclui-se que é a “boca do rio”, i.e. o “estuário”.

⁶⁰ Na versão dessa mesma estrofe por Ole Worm em sua *Danica Literatura antiquissima* (1636), ele identifica o nome da runa como *Ridhr* ao invés de *Ræið*, e na segunda parte do verso lê-se: “... *Raghn er sverdit bradesta*” [“Amaldiçoar/Maldizer é a melhor espada”], o que não parece ser mais esclarecedor (ENOKSEN, 2011: 28). Não maiores explicações sobre quem seria Regin mencionado no poema. Entretanto, em função do período e de outras referências mitológicas em outras estrofes de outros runas, não seria um erro supormos que esta também fosse uma referência ao universo mitológico escandinavo. Sendo assim, podemos levantar a hipótese de que Regin em questão fosse o mesmo que surge no mito envolvendo a história do herói Sigurd, do dragão Fafnir e o tesouro dos Volsungos. A personagem aparece, por exemplo, na *Edda Poética* (no *Gripisspá*, no *Reginmál* e no *Fáfnismál*), na *Edda em Prosa* (no *Skáldskaparmál*, capítulos 46 – 50) e principalmente na *Saga dos Volsungos*. Regin é descrito como filho de Hreidmar e pai adotivo do herói Sigurd e responsável por ter forjado para este último a espada chamada Gram. Com ela Sigurd mata Fafnir e obtém para si o tesouro do dragão. Para maiores detalhes sobre a história de Regin, Sigurd e do tesouro de Fafnir ver STURLUSON, 1975: 164 – 168; STURLUSON, 1987: 99 – 103; ORCHARD, 2011; MOOSBURGER, 2009.

K [Kaun] er barna þolvan;
þol gørvær nán fólvan.



K [Ferida] é o tormento da criança;
a morte torna o corpo pálido.

H [Hagall] er kaldastr korna;
Kristr skóp hæimenn forna.



H [Granizo] é o mais gelado dos
grãos; Cristo moldou o mundo no
passado.⁶¹

N [Nauðr] gerer næppa koste;
nøktan kælr í froste.



N [Necessidade] oferecesse poucas
oportunidades; aquele que está nu
congela no frio.

I [Ís] kollum brú bræiða;
blindan þarf at læiða.



I [Gelo] se chama uma ponte larga; o
cego precisa ser guiado.

A [Ár] er gumna góðe;
get ek at qrr var Fróðe.



A [Ano] é a benesse dos homens; eu
soube que Frodi era generoso.

S [Sól] er landa ljóme;
lúti ek helgum dóme.



S [Sol] é a luz das terras; eu me
curvo para o sagrado julgamento.

T [Týr] er æinendr ása;
opt værðr smiðr blása.



T [Tyr] é o deus de uma mão; às
vezes o ferreiro está malhando (o
ferro).

B [Bjarkan] er laufgrønstr líma;
Loki bar flærða tíma.



B [Bétula] é o ramo com a folhagem
mais verde; Loki tinha sorte ao
enganar.

M [Maðr] er moldar auki;
mikil er græip á hauki.



M [Homem] é produto da terra;
poderosa é a garra do falcão.

⁶¹ Aqui o significado de *Hagall* talvez se aproxime mais ao sentido encontrado no poema rúnico anglo-saxônico com a runa *Hægl*, associado à ideia do granizo com um símbolo de “criação”, transformação, mudança.

L [Løgr] er, fællr ór fjalle
foss; en gull ero nosser.



L [Água] é a fonte que cai da
montanha; mas ornamentos são do
ouro.

Y [Ýr] er vetrgrønstr viðá;
vænt er, er brennr, at sviða.



Y [Teixo] é a madeira mais verde do
inverno; às vezes ela crepita ao
queimar.

Abecedarium Nordmannicum⁶²
(Codex Sangallensis 878, fol. 321)

| | | |
|--|-------------------------|---|
| | feu forman | Feu primeiro, |
| | ur after | Ur depois, |
| | thuris thritten stabu | Thuris a terceira letra, |
| | os is themo oboro | Os é a seguinte; |
| | rat endos uuritan | Rat escreva no final. |
| | chaon thanne cliuot | Chaon então separa; |
| | hagat naut habet | Hagat tem necessidade |
| | is ar endi sol | de Is , Ar e Sol ; |
| | tiu brica endi man midi | Tiu , Brica e Man no meio, |
| | lago the leohto | a brilhante Lago , |
| | yr al bihabet | Yr conclui tudo. |

⁶² No manuscrito original, além das runas e seus nomes existem outros elementos. Sob a runa *feu* temos a reprodução da mesma runa e sob as palavras *feu forman* temos – escritos em estilo *futhorc* – “WREAT”; sobre a runa *hagat* temos a runa *Hægl*; sobre *naut* temos a reprodução da mesma runa; sobre a runa *ar* temos a runa anglo-saxônica *Ac*; sobre a runa *man* temos *Man* anglo-saxônico; e sobre a runa *yr* temos a runa *Yr* do *futhorc*. Claramente parecendo uma tentativa, por parte do responsável pelo manuscrito, de estabelecer paralelos entre as diferentes formas de escritas rúnicas; cf. DICKINS, 1915: 34

Referências Bibliográficas

Fontes

- AGOSTINHO. **The City of God**. (trad. Henry Bettenson). Londres: Penguin, 1972.
- DICKINS, Bruce. **Runic and Heroic Poems of the Old Teutonic People**. Cambridge: Cambridge University Press, 1915.
- ENOKSEN, Lars Magnar. **The History of Runic Lore**. Malmö: Scandinavian Heritage Publications, 2011.
- HASSAL, Maureen. **The Old English Rune Poem: a Critical Edition**. Toronto: University of Toronto Press, 1982.
- JULIUS CAESAR. **The Gallic War: Seven Commentaries on The Gallic War with an Eighth Commentary by Aulus Hirtius**. (trad. Carolyn Hammond). Oxford: Oxford University Press, 2008.
- KEMBLE, John. **Anglo-Saxon Runes**. Little Downham Ely: Anglo Saxon Books, 1991.
- MEDEIROS, Elton O. S. “*Hávamál*: tradução comentada do Nórdico Antigo para o Português”, **Mirabilia** 17 (2), 2013a, p. 546 – 601. Disponível em < http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2013_02_23.pdf > acessado a 05 de Janeiro de 2015.
- MEDEIROS, Elton O. S. (trad.). **Beowulf**. São Paulo: Editora 34, 2015a (no prelo).
- _____. (trad.). “Erudição e Poesia Encantatória na Inglaterra anglo-saxônica: *Salomão e Saturno I e o Encantamento das Nove Ervas*”, **Mirabilia** 20 (1), 2015b (no prelo).
- MOOSBURGER, Théo de Borba (trad.). **Saga dos Volsungos**. São Paulo: Hedra, 2009.
- MURPHY, G. Ronald (trad.). **The Heliand: The Saxon Gospel**. Nova York: Oxford University Press, 1992.
- PAGE, R. I. **The Icelandic Rune Poem**. Londres: Viking Society for Northern Research, 1999.
- POLLINGTON, Stephen. **Rudiments of Runelore**. Little Downham Ely: Anglo Saxon Books, 1995.
- ORCHARD, Andy (trad.). **The Elder Edda: A Book of Viking Lore**. Londres: Penguin, 2011.
- STURLUSON, Snorri. **Snorra Edda**. (trad. Árni Björnsson). Reykjavik: Iðunn, 1975.
- _____. **Edda** (trad. Anthony Faulkes). Londres: Everyman, 1987.
- _____. **Heimskringla or The Lives of the Norse Kings**. (trad. Erling Monsen & A. H. Smith). Nova York: Dover, 1990.
- TACITUS. **The Agricola and The Germania**. (trad. H. Mattingly & S. A. Handford). Londres: Penguin, 1970.

Bibliografia

- ASPREM, Egil & GRANHOLM, Kennet. **Contemporary Esotericism**. Sheffield: Equinox, 2013.
- BARNES, Michael P. **Runes, a Handbook**. Woodbridge: Boydell Press, 2012.

- BOSWORTH, Joseph & TOLLER, T. Northcote. **An Anglo-Saxon Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1898.
- CLEASBY, Richard & VIGFUSSON, Gudbrand. **An Icelandic-English Dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1874.
- DRURY, Nevill. **Stealing Fire from Heaven: The Rise of Modern Western Magic**. Nova York: Oxford University Press, 2011.
- FROG. **The (De)Construction of Mythic Ethnography I: Is Every þurs in Verse a þurs?**, *RMN Newsletter* 6, 2013, p. 52 – 72.
- GREEN, Dennis H. “Three aspects of the Old Saxon Biblical Epic, The Heliand”. In: GREEN, Dennis H. & SIEGMUND, Frank (ed.). **Continental Saxons from the Migration Period to the Tenth Century: An Ethnographic Perspective**. Woodbridge: Boydell, 2003, p. 247-270.
- MACLEOD, Mindy; MEES, Bernard. **Runic Amulets and Magic Objects**. Woodbridge: Boydell Press, 2006.
- MEDEIROS, Elton O. S. “O Poder das Letras: Cristianismo e Magia no *Pater Noster* anglo-saxão”, **Revista Brasileira de História das Religiões**, ano 6, n. 16, 2013b, p. 229 – 266.
Disponível em <
<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/22634/12703> >
Acessado a 19 de Dezembro 12 de 2014.
- MITCHELL, Stephen A. **Witchcraft and Magic in the Nordic Middle Ages**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2011.
- NORTH, Richard. **Heathen Gods in Old English Literature**, Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PAGE, R. I. **An Introduction to English Runes**, Woodbridge: Boydell Press, 1973.
_____. **Runes and Runic Inscriptions**, Woodbridge: Boydell Press, 1995.
- RAUDVERE, Catharina. “Trólldomr in Early medieval Scandinavia”. In: JOLLY, Karen; RAUDVERE, Catharina; PETERS, Edward. **Witchcraft and Magic in Europe: The Middle Ages**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2002.
- SPURKLAND, Terje. **Norwegian Runes and Runic Inscriptions**, Woodbridge: Boydell Press, 2005.
- STOKLUND, Marie; NIELSEN, Michael Lerche; HOLMBERG, Bente; FELLOW-JENSEN, Gilliam. **Runes and their Secrets: Studies in Runology**, Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2006.
- THORSSON, Edred. **Futhark: A Handbook of Rune Magic**. York Beach: Samuel Weiser, 1984.